

A PALAVRA DO OUTRO E O LUGAR DO PROFESSOR: AUTORIA NA ESCRITA ACADÊMICA

Lia Carvalho Cañizo Pereira¹
Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC)

Resumo: Este capítulo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado que investigou o funcionamento da função-autor em produções acadêmicas escritas por professores, observando particularmente o modo como referências teóricas são mobilizadas na construção do texto. A investigação parte da seguinte questão: de que maneira o manejo das palavras de outros autores contribui para a constituição da autoria daquele que escreve? O conceito de autoria é construído a partir da articulação entre diferentes perspectivas teóricas, especialmente as contribuições de Michel Foucault, que compreende o autor como uma função exercida no interior dos discursos, e de Mikhail Bakhtin, cuja perspectiva dialógica enfatiza a presença e a interação de múltiplas vozes no texto. Dialogam ainda com esse quadro teórico estudos que discutem as relações entre sujeito, conhecimento e escrita acadêmica. O corpus é constituído por 30 artigos científicos da área de Ensino de Línguas, produzidos por professores formados em Letras e atuantes na educação básica, vinculados à Universidade Federal do Pará e à Universidade do Estado do Pará. A análise concentra-se nas seções de fundamentação teórica, considerando três modos de inserção das palavras do outro. Os resultados indicam que, embora haja diversificação nas estratégias de introdução do discurso alheio, o modo como os autores citados são encadeados frequentemente reduz a mediação autoral do professor. Tal configuração permite relacionar essas formas de escrita às tensões que atravessam a produção acadêmica docente e aos processos de proletarianização do trabalho intelectual do professor.

PALAVRAS-CHAVE: autoria; escrita acadêmica; escrita acadêmica docente; ensino de línguas.

THE WORD OF THE OTHER AND THE PLACE OF THE TEACHER: AUTHORSHIP IN ACADEMIC WRITING

¹Doutora em Letras, Universidade Federal do Pará, Endereço: (Belém, Pará. Brasil), E-mail: redacaoliacarvalho@gmail.com

ABSTRACT: This chapter presents part of the results of a doctoral research project that investigated the functioning of the author function in academic texts written by teachers, with particular attention to how theoretical references are mobilized in the construction of meaning. The investigation is guided by the following question: how does the use of other authors' words contribute to the constitution of authorship? The concept of authorship is constructed through the articulation of different theoretical perspectives, especially the contributions of Michel Foucault, who understands the author as a function operating within discourse, and Mikhail Bakhtin, whose dialogical perspective emphasizes the presence and interaction of multiple voices in the text. Studies addressing the relationships between subject, knowledge, and academic writing also inform this theoretical framework. The corpus consists of 30 research articles in the field of Language Teaching, written by teachers with degrees in Letters and working in basic education, affiliated with the Federal University of Pará and the State University of Pará. The analysis focuses on the theoretical framework sections, considering three modes of incorporating others' words. The results indicate that, although there is a diversification of strategies for introducing others' discourse, the ways in which cited authors are connected often diminish the teacher's authorial mediation. This configuration allows us to relate these forms of writing to the tensions underlying academic production by teachers, as well as to the processes of proletarianization of teachers' intellectual work.

KEYWORDS: authorship; academic writing; teacher academic writing; language teaching.

1. Entre vozes e palavras.

“A palavra na linguagem é metade de alguém. Ela se torna ‘própria’ apenas quando o falante a povoa com sua intenção.”
— Mikhail Bakhtin

Antes de se tornar texto, a escrita acadêmica é sempre um encontro de vozes. Ao escrever, o pesquisador mobiliza palavras que já circularam em outros livros, em outras teorias, em outras discussões. Essas palavras chegam ao texto carregadas de sentidos, de disputas e de histórias que não começam naquele momento da escrita. No espaço aparentemente silencioso da página, elas se entrelaçam, respondem-se e se transformam. É nesse movimento — entre a palavra do outro e a tentativa de fazer surgir uma palavra própria — que se constitui a autoria no discurso acadêmico.

Nesse sentido, entende-se que a escrita acadêmica ocupa um lugar estratégico na formação e na atuação do professor. No interior da universidade, ela não se limita a registrar saberes já consolidados: participa também da produção, da circulação e da legitimação do conhecimento. Quando professores da Educação Básica retornam à universidade em busca de formação continuada, essa escrita adquire uma dimensão particular. Ela pode constituir um espaço de

elaboração intelectual de problemas ligados ao ensino, mas também um lugar em que se manifestam tensões relativas à autoria, à autoridade discursiva e ao valor profissional daquele que escreve.

Pensando nisso, este capítulo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado dedicada a compreender o funcionamento da função-autor em produções acadêmicas escritas por professores. Interessa-nos investigar, mais especificamente, de que maneira o manejo das palavras de outros autores contribui para a constituição da autoria daquele que escreve.

Essa questão torna-se especialmente relevante quando se considera que, no campo do ensino de línguas, o professor é frequentemente interpelado por discursos que ora o apresentam como profissional que necessita constantemente de formação, ora o convocam a ocupar o lugar de pesquisador e produtor de conhecimento. Entre essas posições delinea-se uma zona de tensão em que a escrita acadêmica pode revelar aspectos importantes da relação do professor com o saber e com sua própria palavra.

A discussão fundamenta-se inicialmente na noção de função-autor formulada por Michel Foucault, segundo a qual o autor não corresponde simplesmente a um indivíduo empírico, mas a uma função exercida no interior dos discursos, responsável por regular modos de circulação, classificação e legitimidade do dizer. A essa perspectiva articulam-se as contribuições de Mikhail Bakhtin, cuja reflexão sobre dialogismo e polifonia permite compreender o texto como espaço de encontro, embate e negociação entre vozes. Dialogam ainda com esse quadro teórico estudos que problematizam a escrita acadêmica, a produção de conhecimento e a formação docente.

O corpus analisado foi composto por 30 artigos científicos da área de Ensino de Línguas, publicados entre 2017 e 2020 em periódicos vinculados à Universidade Federal do Pará e à Universidade do Estado do Pará. Os textos foram escritos por professores formados em Letras, atuantes na Educação Básica, em contexto de pós-graduação.

A hipótese que orienta esta reflexão é a de que a escrita acadêmica docente, embora apresente diversificação nas formas de introdução do discurso teórico, frequentemente se organiza de maneira a reduzir a mediação autoral daquele que escreve. Isso ocorre sobretudo quando os autores citados são encadeados em

sequência, com pouca elaboração das relações entre suas ideias e frágil explicitação do lugar assumido pelo professor no interior desse diálogo. Ao examinar essas formas de escrita, buscamos observar não apenas procedimentos linguístico-discursivos, mas também tensões mais amplas que atravessam a profissionalização docente. Nesse sentido, o capítulo aproxima a discussão sobre autoria da problemática da proletarização do trabalho do professor. Se a fragilização da autoridade docente constitui uma das bases sobre as quais se sustentam mecanismos de controle e padronização do trabalho pedagógico, importa perguntar o que se revela quando professores que ensinam a ler e a escrever apresentam, em sua própria escrita acadêmica, dificuldades de mediação teórica e de produção de um dizer que se sustente como gesto autoral.

Assim, mais do que atribuir a esses sujeitos uma insuficiência individual, interessa compreender como tais marcas remetem a condições históricas e institucionais de formação e trabalho que afetam sua relação com o conhecimento e com a palavra. Ao examinar a escrita acadêmica de professores por esse ângulo, busca-se contribuir para a reflexão sobre o lugar do docente como trabalhador intelectual e sobre os limites impostos à sua atuação como produtor de saber.

2. Autoria, palavra do outro e escrita acadêmica

2.1 Função-autor e circulação do discurso

Se toda escrita se constrói na presença de outras vozes, a escrita acadêmica torna essa condição particularmente visível. Ao produzir um texto científico, o pesquisador inscreve sua palavra em uma rede de teorias, conceitos e debates que o antecedem. Nesse contexto, a autoria não se afirma pela ausência da palavra do outro, mas pela maneira como o sujeito a organiza e a reinscreve em sua argumentação.

A reflexão de Michel Foucault (2009) é central para compreender esse funcionamento. Ao problematizar a noção moderna de autor, o filósofo desloca a autoria do campo da individualidade criadora para situá-la como uma função exercida no interior dos discursos. O autor deixa de ser compreendido apenas como sujeito empírico responsável por um texto e passa a constituir um princípio de organização, classificação e circulação dos dizeres.

Essa perspectiva permite compreender que a autoria não corresponde simplesmente à manifestação de uma voz individual, mas a uma posição discursiva construída historicamente. No campo acadêmico, isso significa que escrever implica mobilizar discursos já legitimados e estabelecer relações entre eles. Mais do que identificar a presença da palavra alheia, interessa-nos observar como o pesquisador organiza essas vozes e quais efeitos essa organização produz na constituição de sua posição autoral.

Nos textos analisados, a mobilização de referências teóricas frequentemente opera como mecanismo de legitimação do discurso. Entretanto, a maneira como essas referências são articuladas revela também diferentes modos de exercício da autoria. É justamente essa relação entre circulação do discurso teórico e constituição da posição autoral que orienta as análises desenvolvidas nas seções seguintes.

2.2 Dialogismo e presença da palavra do outro

A perspectiva de Mikhail Bakhtin aprofunda essa discussão ao compreender a linguagem como um espaço constitutivamente dialógico. Para o pensador russo, todo enunciado se insere em uma cadeia de comunicação discursiva, respondendo a discursos anteriores e antecipando possíveis réplicas futuras. A linguagem, portanto, não se apresenta como expressão isolada de uma consciência individual, mas como lugar de encontro entre vozes socialmente situadas.

Nessa perspectiva, nenhuma palavra é inteiramente própria. Cada enunciado carrega marcas de usos anteriores, valores ideológicos e posições discursivas que o atravessam. Ao falar ou escrever, o sujeito não parte de um repertório neutro de signos, mas mobiliza palavras já habitadas por outros dizeres. Como afirma Bakhtin, a palavra torna-se efetivamente “própria” apenas quando é apropriada pelo sujeito e povoada por sua intenção.

Essa compreensão desloca significativamente o modo de pensar a autoria. Se todo discurso é atravessado por vozes anteriores, a autoria não pode ser concebida como origem absoluta do sentido. Ela se constitui, antes, na forma como o sujeito se posiciona diante dos discursos que mobiliza, estabelecendo relações de aproximação, distanciamento, concordância, tensão ou reformulação.

É justamente essa dimensão que torna a escrita acadêmica um objeto particularmente fértil para a investigação da autoria. Diferentemente de outros espaços de produção textual, o discurso científico exige que a presença da palavra do outro seja explicitada por meio de citações, referências e paráfrases. A escrita acadêmica transforma em procedimento formal aquilo que, para Bakhtin, constitui uma condição geral da linguagem: o fato de que todo dizer se constrói em diálogo com outros dizeres.

Contudo, reconhecer a natureza dialógica da linguagem não significa afirmar que todas as vozes ocupam posições equivalentes no interior do texto. Como observa Authier-Revuz (1998; 2004), a presença do outro pode manifestar-se de diferentes maneiras no discurso. Em alguns momentos, essa alteridade aparece explicitamente marcada por citações, referências e mecanismos de atribuição enunciativa; em outros, permanece incorporada ao dizer de forma menos visível, compondo aquilo que a autora denomina heterogeneidade constitutiva. O sujeito fala sempre com palavras que já circularam socialmente, mesmo quando não assinala explicitamente essa presença.

Essa reflexão mostra-se particularmente relevante para os objetivos desta pesquisa. Mais do que identificar a ocorrência de citações ou referências bibliográficas, interessa-nos compreender como a palavra do outro é administrada na escrita acadêmica docente. Em outras palavras, buscamos observar de que modo os professores incorporam, organizam e reelaboram discursos teóricos na construção de seus textos e quais efeitos essas escolhas produzem na constituição da autoria.

A análise do corpus sugere que a questão central não reside na presença da palavra alheia — condição inevitável de qualquer discurso científico —, mas na forma como essa presença é mediada. Quando diferentes vozes teóricas são apenas justapostas ou reproduzidas sem uma elaboração interpretativa mais explícita, a posição autoral tende a tornar-se menos visível. Por outro lado, quando o sujeito estabelece relações, produz deslocamentos conceituais e explicita sua leitura dos discursos mobilizados, a palavra do outro deixa de funcionar apenas como fundamento de autoridade e passa a integrar um movimento efetivo de produção de conhecimento.

É nesse espaço de negociação entre vozes que situamos a autoria. Não como manifestação de uma individualidade autônoma, mas como trabalho discursivo de apropriação, reorganização e interpretação da palavra do outro.

2.3 Escrita acadêmica e produção de conhecimento

No contexto universitário, a escrita acadêmica deveria constituir um espaço de elaboração conceitual e produção de conhecimento. Ler e escrever na universidade não se reduzem à assimilação de saberes já estabilizados, mas envolvem a formulação de problemas, a construção de interpretações e a participação nos debates que constituem determinado campo científico.

Autores como Barzotto (2014), Fabiano (2015) e Fairchild (2013) convergem ao compreender a escrita acadêmica como prática intelectual que ultrapassa a mera reprodução de conteúdos teóricos. Nessa perspectiva, escrever cientificamente implica não apenas mobilizar referências bibliográficas, mas estabelecer relações entre elas, produzir interpretações e construir novas formas de compreensão dos fenômenos investigados.

Essa discussão torna-se particularmente relevante quando observamos a escrita acadêmica produzida por professores. Se a universidade constitui um espaço de produção de conhecimento, espera-se que a escrita acadêmica docente funcione também como espaço de elaboração intelectual sobre os problemas do ensino e da linguagem. Entretanto, os dados analisados sugerem que a presença dominante de discursos teóricos já legitimados frequentemente restringe a explicitação da intervenção interpretativa daquele que escreve.

É precisamente esse movimento que interessa a esta pesquisa. Nos artigos analisados, a mobilização da palavra do outro tende a privilegiar a circulação de discursos reconhecidos pelo campo científico, enquanto a mediação autoral do professor aparece de forma menos evidente. Em consequência, a escrita aproxima-se, em alguns momentos, mais da reorganização de conhecimentos disponíveis do que da produção explícita de novas interpretações sobre eles.

Essa observação não deve ser compreendida como limitação individual dos sujeitos investigados. Ao contrário, ela remete a condições mais amplas de formação acadêmica e de exercício do trabalho docente. Como argumenta Apple (1989), os processos de padronização e controle que atravessam a profissão

docente podem restringir espaços de autonomia intelectual. Nessa perspectiva, a fragilização da mediação autoral observada em parte do corpus pode ser interpretada não apenas como fenômeno textual, mas também como manifestação de formas históricas de relação do professor com o conhecimento.

Assim, analisar a inserção da palavra do outro na escrita acadêmica significa investigar mais do que estratégias de citação ou procedimentos linguísticos. Significa observar como o professor se posiciona diante do saber, quais espaços de intervenção intelectual constrói em seu texto e quais condições atravessam sua atuação como produtor de conhecimento.

3. No rastro das palavras, a tessitura da argumentação

Esta pesquisa insere-se no campo dos estudos linguístico-discursivos e adota uma abordagem qualitativa de investigação. Mais do que quantificar ocorrências ou estabelecer regularidades estatísticas, interessou-nos compreender os efeitos de sentido produzidos pelas formas de mobilização da palavra do outro na escrita acadêmica de professores.

O corpus foi constituído por trinta artigos científicos da área de Ensino de Línguas, publicados entre 2017 e 2020 em periódicos vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA) e à Universidade do Estado do Pará (UEPA). Todos os textos foram produzidos por professores graduados em Letras, atuantes na Educação Básica e inseridos em contextos de formação pós-graduada.

A seleção do corpus fundamentou-se em dois critérios principais. O primeiro refere-se à trajetória profissional dos autores dos artigos, uma vez que a pesquisa buscou investigar textos produzidos por sujeitos que ocupam simultaneamente a posição de professores da Educação Básica e de pesquisadores em formação. O segundo critério relaciona-se ao campo temático dos textos, restringindo-se a artigos voltados para questões ligadas ao ensino de línguas, área de atuação dos sujeitos investigados.

Considerando os objetivos da pesquisa, optou-se por analisar prioritariamente as seções de fundamentação teórica dos artigos. Tal escolha decorre do entendimento de que esse espaço textual concentra grande parte das operações de inserção da palavra alheia no discurso acadêmico, permitindo

observar de maneira mais evidente os modos pelos quais os autores mobilizam, articulam e reelaboram referências teóricas na construção de sua argumentação.

A análise foi conduzida a partir de três eixos complementares. O primeiro consistiu na identificação dos mecanismos linguísticos utilizados para introduzir a palavra do outro, com especial atenção aos verbos dicendi e às expressões de atribuição enunciativa. O segundo eixo voltou-se para as formas de encadeamento dos autores citados, buscando compreender como diferentes vozes teóricas são colocadas em relação no interior dos textos. Por fim, o terceiro eixo concentrou-se na análise de paráfrases e reformulações, observando os modos de apropriação do discurso teórico e os efeitos produzidos sobre a constituição da autoria.

Esses eixos não foram concebidos como categorias fechadas de classificação, mas como dispositivos analíticos destinados a tornar visíveis determinadas regularidades discursivas presentes no corpus. Interessa-nos menos a frequência numérica dos fenômenos observados do que os modos de funcionamento que eles revelam acerca da relação entre autoria, escrita acadêmica e produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, os dados analisados não são tratados como evidências transparentes de uma realidade pré-existente. Ao contrário, são compreendidos como materialidades discursivas que permitem observar determinadas formas de relação do professor com a palavra teórica e com sua própria posição de autor no interior do discurso acadêmico.

4. Inserção da palavra alheia

A presença da palavra alheia constitui uma característica fundamental da escrita acadêmica. Nos artigos analisados, essa presença manifesta-se por meio de diferentes procedimentos discursivos, entre os quais se destacam as expressões de atribuição enunciativa, o encadeamento de autores e a articulação sucessiva de vozes teóricas em torno de uma mesma problemática.

Mais do que identificar a ocorrência desses recursos, interessa-nos compreender os efeitos que produzem na constituição da autoria. Nessa perspectiva, a análise dos excertos a seguir permite observar diferentes formas de incorporação do discurso teórico e os modos pelos quais os professores-

pesquisadores administram a presença da palavra do outro na construção de sua argumentação.

Um exemplo desse funcionamento pode ser observado no excerto a seguir:

Excerto 1

Conforme Harari (2018), a escrita nasceu como uma serva da consciência humana, mas pouco a pouco se tornou sua senhora. O autor destaca que o surgimento da escrita aconteceu como forma de sobrevivência de um sistema social, pois havia a necessidade de preservar informações cruciais para o convívio em sociedade. (AC28)

Nesse trecho, a expressão “conforme” introduz a voz de Harari como referência legitimadora da afirmação apresentada. Trata-se de um recurso frequente na escrita acadêmica, pois permite indicar a origem da ideia mobilizada e situar o discurso do autor do artigo em relação a uma voz já reconhecida no campo intelectual. Entretanto, o funcionamento discursivo do trecho revela uma questão importante: a palavra citada entra no texto como suporte de legitimação, mas não é suficientemente problematizada pelo pesquisador.

A referência a Harari poderia abrir espaço para uma discussão sobre a escrita como tecnologia de memória, organização social e produção de poder. No entanto, no modo como é incorporada ao parágrafo, essa possibilidade interpretativa permanece apenas sugerida. O autor do artigo reproduz a ideia central do teórico citado, mas não explicita de que maneira essa formulação contribui para o problema específico que está desenvolvendo. Assim, a palavra do outro ocupa o centro da formulação, enquanto a intervenção analítica daquele que escreve aparece de forma atenuada.

Esse funcionamento permite observar um dos modos pelos quais a autoria se fragiliza na escrita acadêmica: não pela presença da citação em si, mas pela ausência de mediação interpretativa mais explícita. A autoria, nesse caso, não desaparece; ela se realiza como gesto de seleção e convocação da voz alheia. Contudo, esse gesto permanece incompleto quando o autor não reinscreve a palavra citada em uma problemática própria, isto é, quando não transforma a referência em elemento efetivo de construção argumentativa.

À luz da noção foucaultiana de função-autor, esse dado evidencia que assinar um texto ou mobilizar referências não basta para constituir uma posição autoral forte no discurso acadêmico. A autoria se manifesta, sobretudo, no modo como o sujeito organiza os discursos que convoca e explicita a leitura que faz deles. No excerto analisado, a palavra de Harari sustenta o dizer, mas a posição interpretativa do professor-pesquisador permanece pouco visível, deslocando para a autoridade do autor citado uma parte significativa da força argumentativa do parágrafo.

4.1 Acumulação de autoridades teóricas

Situação semelhante pode ser observada quando diferentes autores são mobilizados para sustentar uma mesma proposição teórica, como ocorre no excerto a seguir:

Excerto 2

Para Bagno (2007), a variação linguística constitui fenômeno inerente ao funcionamento da língua. Perini (2010) também destaca que a língua não se organiza como um sistema homogêneo.

À primeira vista, o trecho parece exemplificar um procedimento recorrente e esperado na escrita acadêmica: a mobilização de mais de uma referência para sustentar determinado argumento. De fato, a aproximação entre Bagno e Perini reforça a legitimidade da afirmação apresentada, produzindo um efeito de convergência teórica que fortalece a credibilidade do enunciado.

Entretanto, uma observação mais detida revela que a articulação entre essas vozes permanece pouco desenvolvida. O texto informa que ambos os autores defendem perspectivas compatíveis acerca da heterogeneidade linguística, mas não explicita quais aspectos de suas reflexões são mobilizados, em que medida suas formulações se aproximam ou quais contribuições específicas cada um oferece para a construção do argumento.

O resultado é um funcionamento discursivo particular: as vozes teóricas são colocadas lado a lado, mas não entram efetivamente em diálogo no interior do texto. A relação entre elas é pressuposta, e não construída discursivamente

pelo autor do artigo. Em vez de produzir uma interpretação que articule os discursos mobilizados, o texto limita-se a apresentar uma sucessão de autoridades que convergem para uma mesma conclusão.

Sob a perspectiva bakhtiniana, esse movimento é especialmente significativo. O dialogismo pressupõe não apenas a coexistência de múltiplas vozes, mas também a produção de relações de sentido entre elas. No excerto analisado, a polifonia encontra-se presente, mas a mediação autoral responsável por organizar esse encontro permanece pouco evidente. As vozes comparecem no texto, porém falam mais umas ao lado das outras do que umas com as outras.

A reflexão de Authier-Revuz também contribui para compreender esse fenômeno. Ao explicitar a origem das proposições por meio das referências bibliográficas, o autor produz formas de heterogeneidade mostrada, isto é, marcas visíveis da presença da palavra alheia. Contudo, a explicitação dessas vozes não é acompanhada de um trabalho mais intenso de apropriação discursiva. O texto evidencia quem fala, mas dedica menos espaço à construção da posição daquele que organiza essas falas.

Pode-se afirmar, portanto, que o efeito argumentativo do trecho repousa predominantemente na autoridade dos autores citados. A força da argumentação deriva menos da elaboração interpretativa produzida pelo pesquisador e mais da acumulação de vozes legitimadas pelo campo científico. Nesse funcionamento, a autoria tende a deslocar-se da produção de relações conceituais para a gestão da circulação de discursos reconhecidos.

É precisamente nesse ponto que se torna possível observar uma das tensões centrais da escrita acadêmica docente identificadas nesta pesquisa. Embora o professor-pesquisador demonstre conhecimento do debate teórico da área e mobilize autores relevantes para sustentar suas afirmações, a construção de uma posição analítica própria aparece de maneira menos evidente. A palavra do outro é convocada para validar o argumento, mas nem sempre é transformada em matéria de elaboração conceitual. O resultado é uma escrita em que a presença das vozes teóricas se fortalece ao mesmo tempo em que a intervenção autoral tende a tornar-se mais discreta.

4.2 Orquestração de vozes e mediação discursiva

Entre os fenômenos observados no corpus, um dos mais recorrentes refere-se ao encadeamento sucessivo de autores no interior de um mesmo segmento argumentativo. Trata-se de um procedimento por meio do qual diferentes referências teóricas são mobilizadas em sequência, geralmente com o objetivo de demonstrar a abrangência ou a consistência de determinado posicionamento conceitual.

O excerto a seguir ilustra esse funcionamento:

Excerto 3

Segundo Tenani (2017), as linhas de investigação da Fonologia Prosódica são de duas grandes vertentes, sendo uma de caráter teórico e outra de caráter empírico. De caráter teórico podem estar pesquisas sobre a configuração da hierarquia prosódica. *Ainda de acordo* com a autora mencionada, há uma carência em pesquisas que testam a aquisição da linguagem com a abordagem da Fonologia Prosódica. **Já Santos et al argumentam que há um precário número de pesquisas que relacionam os temas de prosódia e leitura, precisamente a sua compreensão.**

De acordo com Jamet (1997), o conhecimento das unidades fonológicas da língua e de sua correspondência com grafemas não devem ser negligenciados na aprendizagem de leitura. *Já que* a prosódia é um determinante intrínseco da língua falada, sendo parte integrante do sistema fonológico, *infere-se* que o conhecimento desse elemento integrante da fonologia seja importante para fluência em leitura também (AC27).

O excerto analisado evidencia um movimento que denominamos, provisoriamente, de orquestração de vozes. Diferentemente dos exemplos anteriores, nos quais uma ou duas referências são mobilizadas para sustentar determinada afirmação, observa-se aqui a construção de uma cadeia discursiva composta por sucessivas vozes teóricas convocadas para tratar de um mesmo objeto. À primeira vista, esse procedimento produz um efeito positivo de densidade bibliográfica. O autor demonstra familiaridade com diferentes pesquisas da área e insere seu texto em uma rede ampla de interlocução científica. Entretanto, o funcionamento discursivo do trecho revela uma característica importante: as vozes são apresentadas sucessivamente, mas as relações conceituais entre elas permanecem, em grande medida, implícitas.

Tenani, Santos et al. e Jamet são convocados para compor o percurso argumentativo do texto. Contudo, o autor do artigo dedica pouco espaço à explicitação dos pontos de convergência, divergência ou complementaridade entre essas perspectivas. O resultado é uma estrutura argumentativa em que os

autores citados parecem conduzir o desenvolvimento do raciocínio, enquanto a posição interpretativa daquele que escreve permanece menos evidente.

Essa observação permite avançar uma interpretação importante para esta pesquisa. Os três movimentos analisados — a atribuição da palavra alheia, a acumulação de autoridades teóricas e a orquestração de vozes — revelam formas distintas de inserção do discurso do outro na escrita acadêmica. Em todos os casos, observa-se que a autoria não desaparece diante da presença das referências mobilizadas. Ela se constitui precisamente na gestão dessas vozes. Entretanto, os dados indicam que essa mediação tende a privilegiar a circulação de discursos legitimados em detrimento da explicitação das relações interpretativas produzidas pelo pesquisador, aspecto que será aprofundado na análise das paráfrases e reformulações discursivas.

5. Paráfrase e efeitos de polifonia

A análise das paráfrases constitui um dos caminhos mais produtivos para compreender a relação entre autoria e escrita acadêmica. Diferentemente da citação direta, que explicita os limites entre a voz do autor citado e a voz daquele que escreve, a paráfrase ocupa uma zona discursiva mais complexa, na qual a palavra do outro é incorporada ao texto por meio de reformulações, deslocamentos e reinterpretações.

Sob essa perspectiva, a paráfrase não deve ser compreendida apenas como um procedimento técnico de escrita acadêmica. Ela constitui uma operação discursiva por meio da qual o pesquisador se apropria de discursos teóricos e os reinscreve em sua própria argumentação. É justamente nesse processo que se torna possível observar diferentes modos de constituição da autoria.

As reflexões de Authier-Revuz (1998; 2004) ajudam a compreender esse fenômeno. Ao discutir as formas de presença do outro no discurso, a autora demonstra que a linguagem é atravessada por uma heterogeneidade constitutiva que impede qualquer palavra de ser inteiramente própria. Na escrita acadêmica, essa condição torna-se particularmente visível, uma vez que o pesquisador precisa constantemente administrar a presença de vozes teóricas que participam da construção de seu texto.

Interessa-nos, portanto, observar não apenas a presença da palavra alheia, mas os modos de sua apropriação. Mais especificamente, buscamos compreender até que ponto as reformulações realizadas pelos autores do corpus produzem deslocamentos interpretativos capazes de reinscrever o discurso teórico em uma nova rede de sentidos ou se permanecem próximas das formulações originais que lhes deram origem.

Para isso, realizamos o cotejamento entre trechos dos artigos analisados e seus respectivos textos-fonte, observando diferentes graus de transformação discursiva. A análise permitiu identificar desde reformulações mais autorais, nas quais o pesquisador reorganiza e interpreta a teoria mobilizada, até situações em que a paráfrase se aproxima significativamente da estrutura e da formulação do texto original.

Um exemplo desse funcionamento pode ser observado no seguinte trecho:

Excerto 4

Texto analisado	Mecanismos de apropriação da palavra do outro	Texto-Fonte
[1] Kennedy e Souza (2017) [2] salientam que ainda que o objetivo [3] da leitura seja a compreensão, não se pode dizer que os processos de ler e compreender [4] se identifiquem , [5] porquanto a decodificação do material escrito e transformação em [6] material fonológico é parte imprescindível do ato de ler.	[1] Substituição [2] Substituição [3] Substituição [4] Substituição [5] Substituição [6] Substituição	[1] É importante [2] ressaltar que ainda que o objetivo [3] do ato de ler seja a compreensão, não se pode dizer que os processos de ler e compreender [4] se identificam , [5] pois , a decodificação do material escrito e transformação [6] em matéria fonológica é parte imprescindível do ato de ler.
[7] Assim, os processos específicos da leitura, [8] de início , [9] não é a compreensão , mas os meios que levam à compreensão.	[7] Substituição [8] Inserção [9] Substituição [10] Excisão	[7] Nas palavras de Morais , [8] “a leitura não atinge seu objetivo sem compreensão, todavia os processos específicos da leitura [9] não são processos de compreensão , mas que levam à compreensão” [10] (MORAIS, 1996, p. 114).

Ao comparar o enunciado retirado do texto analisado com o texto-fonte, observa-se que a operação realizada pelo pesquisador consiste menos na produção de uma nova formulação conceitual e mais na substituição lexical de

segmentos do texto-fonte. Embora não se trate de uma reprodução literal, a paráfrase mantém praticamente os elementos conceituais presentes no texto original.

Em situações como essa, a reformulação aproxima-se de uma reprodução do discurso teórico mobilizado. A presença da palavra do outro permanece evidente, mesmo quando o texto não apresenta uma citação direta.

Excerto 5

Consoante Cagliari (1998 apud Pacheco, 2017), a escrita possui recursos que mostram ao leitor mais sutilezas e nuances da fala do que comumente se acredita. Esses recursos são os marcadores prosódicos que tem a função de indicar ao leitor como as variações melódicas e entonacionais de um texto devem ser lidas, e isso pode ser de natureza diversa, incluindo desde formatação do texto à escolha lexical e uso de pontuação.

Os marcadores prosódicos podem ser divididos em dois grupos: marcadores prosódicos gráficos e lexicais. Os marcadores prosódicos gráficos podem ser tanto sinais de pontuação, quanto formatação do texto, ou tipo de letra. (AC27)

Cotejando o texto AC27 com o texto-fonte, que é de Pacheco (2017), observa-se que o que parece ser uma paráfrase é, na verdade, uma cópia de trechos do texto-fonte consideravelmente extensos. Podemos realçar essa percepção mostrando um quadro que apresenta o parágrafo do AC27 caso fossem retiradas todas as palavras identificadas como reorganizadas ou idênticas às do texto-fonte, restando apenas as inserções e substituições.

Excerto 6

AC27	Texto-fonte
Consoante Cagliari (1998 apud Pacheco, 2017), <u>a escrita</u> <u>se acredita.</u> <u>são</u> <u>um</u> <u>texto devem ser lidas,</u> e <u>isso pode</u>	De acordo com Cagliari (1998), um sistema de escrita como o nosso possui recursos que mostram ao leitor mais sutilezas e nuances da fala do que comumente se costuma acreditar. Para esse autor, esses recursos constituem os marcadores prosódicos. Segundo ele, um texto escrito, em especial a narração, possui marcas gráficas que têm como função principal indicar para o seu leitor como deverão ser as variações melódicas e entoacionais da passagem que estão sob escopo dessas marcas gráficas, que podem ser de natureza diversa e incluem desde formatação do texto à escolha lexical e uso de pontuação.
Os marcadores prosódicos divididos em dois grupos:	Esses MPs, de acordo com Pacheco (2006) com base em Cagliari (1989), podem ser de dois tipos: os

Os marcadores prosódicos gráficos podem ser tanto , quanto , ou tipo de letra.	marcadores prosódicos gráficos (MPG) e os marcadores prosódicos lexicais (MPL), como descrito a seguir.
--	---

Os Excertos 5 e 6 permitem observar um funcionamento ainda mais significativo. Embora o trecho seja apresentado formalmente como paráfrase, o cotejamento com o texto-fonte revela que a proximidade entre paráfrase e texto-fonte torna discursivamente instável a fronteira entre reformulação e reprodução. O fenômeno não deve ser compreendido apenas como questão técnica de escrita acadêmica, mas como indício de uma relação específica com o conhecimento, na qual a circulação de saberes legitimados se sobrepõe à produção explícita de novas interpretações.

6. No espaço de encontro entre vozes e palavras...

Ao longo deste capítulo, investigamos o funcionamento da autoria em textos acadêmicos produzidos por professores da Educação Básica, observando particularmente os modos de inserção da palavra do outro na construção da argumentação. A análise do corpus evidenciou que a escrita acadêmica docente se organiza amplamente por meio da mobilização de referências teóricas, do encadeamento de autores e de processos de paráfrase e reformulação.

Os dados revelaram que a presença da palavra alheia não implica ausência de autoria. Ao contrário, a autoria se constitui justamente no trabalho de seleção, organização e circulação dessas vozes. Entretanto, observou-se que a mediação autoral frequentemente permanece pouco explicitada, fazendo com que a força argumentativa do texto recaia predominantemente sobre a autoridade dos autores citados.

Esse resultado permite sustentar uma das principais conclusões desta pesquisa: a escrita acadêmica analisada caracteriza-se pela predominância de uma autoria mediadora. Nela, o professor-pesquisador atua como organizador de discursos legitimados pelo campo científico, embora nem sempre explicita de forma mais evidente as relações interpretativas que estabelece entre eles. Tal constatação ultrapassa os limites da textualidade. As formas de escrita observadas remetem a questões mais amplas relacionadas à formação acadêmica,

à produção de conhecimento e às condições de exercício do trabalho intelectual docente. Nesse sentido, a discussão sobre autoria aproxima-se da reflexão sobre os limites institucionais que atravessam a atuação do professor como produtor de saber.

Por fim, defendemos que investigar a palavra do outro na escrita acadêmica significa investigar também o lugar daquele que escreve. Entre discursos herdados e tentativas de produzir um dizer próprio, constrói-se o espaço em que a autoria se torna possível. É nesse movimento de apropriação e interpretação da palavra alheia que o professor pode afirmar seu lugar de autor no discurso acadêmico, fortalecendo seu espaço de dizer e a chance de demonstrar conhecimento sobre a área em que atua; o contrário disso nos direciona para constantes iniciativas de proletarização.

Referências

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**. Campinas: Pontes, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura e escrita na universidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

FABIANO, Lúcia Maria de Assis. **Escrita acadêmica e formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

FAIRCHILD, Thomas Massao. **Escrita acadêmica e formação docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2002.